Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes

ALICE ROGER BOMBARDI

O JARRO ANCESTRAL:
cerâmica como a arte do encontro

São Paulo
2023

ALICE ROGER BOMBARDI

O JARRO ANCESTRAL:

cerâmica como a arte do encontro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho" - Unesp, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Artes Visuais.
Orientadora: Profª. Drª. Rejane Galvão Coutinho e Coorientação: Profª. Drª. Priscila Leonel de Medeiros Pereira

São Paulo

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

B695j Bombardi, Alice Roger, 1997-

O jarro ancestral : cerâmica como a arte do encontro / Alice Roger Bombardi. -- São Paulo, 2023.

78 f. : il. color.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Rejane Galvão Coutinho.

Coorientadora: Prof.ª Dr.ª Priscila Leonel de Medeiros Pereira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes.

1. Cerâmica. 2. Argila. 3. Arte - História. I. Coutinho, Rejane Galvão. II. Leonel, Priscila de Medeiros Pereira. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título.

CDD 738

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

ALICE ROGER BOMBARDI

O JARRO ANCESTRAL:

CERÂMICA COMO A ARTE DO ENCONTRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Aprovado em: 15 de novembro de 2023.

Banca Examinadora

Profª. Drª. Rejane Galvão Coutinho — Orientadora
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (IA - UNESP)

Profª. Drª. Priscila Leonel de Medeiros Pereira — Coorientadora
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (FAAC - UNESP)

Marta Nicholson

Artista graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (IA - UNESP)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à terra que deu origem a todos os seres deste mundo. Sendo o barro, uma de suas matérias especiais, que me atraiu para conhecê-la, já que com essa massa diversas formas podem se criar. Nessa jornada fértil para conhecê-la encontrei pessoas sabidas que compartilharam generosamente seus conhecimentos sobre como usá-la de um jeito respeitoso. São elas as amigas e ceramistas Priscila Leonel, Vera Cozani, Beatriz Isidoro, Isabela Zosi, Kekel Nagy, Laila Szafran, Oleiras do Candeal, Amanda Magrini, Geisah Paula Ribeiro e Amandinha Nari. Tem também as que falam sobre e com as árvores Martinha Nicholson, minha Mãe, Vó Irene, Rita de Cássia (2ª mãe), Avó Letícia, Mari Cabral e Maluzinha Macedo. Já sobre olhar e questionar todas as coisas com sensibilidade e curiosidade demonstrando que a educação é a chave para todas as relações, agradeço imensamente a Rejane Coutinho que me apresentou a arte e educação como perspectiva e estilo de vida. Uma vez arte-educadora, sempre arte-educadora.

Um dia eu sonhei com uma árvore que ao invés de dar frutos,
dava xícaras e canecas com chás especiais
Bastava sentar em um dos balanços presentes em seus galhos e desejar qual chá tomar
Às vezes era o chá que era preciso tomar para algo curar
Em seus galhos tinham vários balanços, dava para um grupo inteiro se encontrar
Tinha espaço até para aqueles que sozinhos queriam ficar
Já que muitos galhos e balanços tinham por lá
Era uma árvore muito convidativa para achar o outro e a si mesmo
No seu entorno tinha um riacho e um barreiro
Vários encontros em um espaço perfeito

Um brinde com chá de erva doce e capim limão quentinho, gelado, adocicado ou não, a todas as pessoas queridas que me ensinaram tanto, saibam que levo todos em meu coração quando estou com a argila em mãos.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso para habilitação em Bacharelado em Artes Visuais vai tratar dos caminhos poéticos da produção artística pessoal da autora, que se entrelaçam com os encontros mediados pelo barro. A partir de sua investigação de revisão de literatura sobre potes e na sua produção de utilitários em cerâmica, na forma de xícaras e canecas para presentear pessoas queridas. Neste universo da cerâmica, onde o barro conversa sob seus dedos, modelando mais do que formas – esculpindo narrativas na superfície das xícaras. Cada peça, seja utilitária ou não, carrega consigo um eco do passado, um sussurro do presente e a promessa de futuros encontros. São convites silenciosos para conversas profundas consigo mesma, com o outro e com o mundo. São os potes de cerâmica, sendo utilitários ou artísticos, capazes de guardar memórias e conter histórias em si? Este trabalho busca compreender como uma peça cerâmica, seja ela utilitária ou não, pode contar e conter histórias, sendo um motivo inicial para encontros. Durante a partilha, a autora procura compreender sua produção pessoal em cerâmica, reunindo quais foram as referências que a atravessaram e deram origem à poética de seu próprio trabalho.

Palavras-chave: Arte; cerâmica; encontro; história; barro; xícaras; canecas; chá**.**

ABSTRACT

This end-of-course work for a Bachelor's degree in Visual Arts will deal with the poetic paths of the author's personal artistic production, which are intertwined with encounters mediated by clay. It will be based on her research reviewing the literature on pots and her production of ceramic utilities, such as cups and mugs to give to loved ones. In this ceramic universe, where the clay talks under her fingers, she makes more than shapes – she sculpts narratives on the surface of the cups. Each piece, whether utilitarian or not, carries with it an echo of the past, a whisper of the present and the promise of future encounters. They are silent invitations to deep conversations with oneself, with others and with the world. Can ceramic pots be utilitarian or artistic pieces, capable of holding memories and containing stories within themselves? The work seeks to understand how a ceramic piece, whether utilitarian or not, can tell and contain stories, being a starting point for encounters. The author, as well, tries to understand her personal production in ceramics, bringing together the references that crossed her and gave rise to the poetics of her own work.

Keywords: Art; ceramics; meeting; history; clay; cups; mugs; tea.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....8
2 OS UTILITÁRIOS COMO RECIPIENTES DE HISTÓRIAS E ESTÓRIAS.....10
2.1 ELABORAÇÃO DA OFICINA: TEM ESTÓRIA NO MEU POTE..... 15
2.2.1 Experiências empíricas da cerâmica como a arte do encontro.....17
3 A CERÂMICA EM MIM..... 28
3.1 XÍCARA OU CANECA, QUAL ESTÁ CERTA?.....33
3.2 SONHANDO E MODELANDO OS FUTUROS ENCONTROS.....35
3.3 A MÁGICA DE TRANSFORMAR O SONHO EM REALIDADE.....48
3.3.1 Resultados após as provas de fogo..... 50
4 O JARRO ANCESTRAL: O QUE NUTRE MINHAS CANECAS?.....71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....76
REFERÊNCIAS.....78

1 INTRODUÇÃO

As xícaras de cerâmica servem para conter líquidos que às vezes saciam a sede, aquecem o coração e trazem paz de espírito. Estes objetos são corriqueiros no mundo inteiro, provenientes de uma tecnologia ancestral e muito usados em cerimônias, seja para receber visitas e/ou tomar um chá enquanto se está na sala de estar. É possível que os objetos de cerâmica sejam mais do que utilitários e artísticos? Peças de cerâmicas como xícaras e canecas podem ser arte e ainda por cima conter em si histórias e ainda serem mediadoras de encontros? Discutirei isso ao longo do trabalho através da partilha da experiência empírica artística pessoal.

Este trabalho de conclusão de curso, para habilitação de bacharel em Artes Visuais, foi elaborado como um ensaio filosófico sobre minhas experiências e referências em torno dos recipientes feitos de cerâmica, que me levaram a produzir em especial xícaras e canecas. Enquanto reunia todo o material e escrevia esse panorama fui modelando dentro de mim os possíveis significados de minha produção. Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como uma peça cerâmica, seja ela utilitária ou não, pode contar e conter histórias e ser um motivo inicial de encontros para falar de si, do outro e com o outro. O objetivo específico foi compreender a produção pessoal em cerâmica, reunindo quais foram as referências que me atravessaram e deram origem à poética do próprio trabalho. A união do objetivo geral e específico se dá na relação de que contar uma história exige presença, logo, exige o encontro com o outro, o presente trabalho buscará defender a cerâmica como a arte do encontro através da união bibliográfica e reflexão da poética pessoal, tendo você aqui leitor ou leitora já como uma das provas disto.

A metodologia é composta por uma revisão bibliográfica acerca de narrativa, processo de criação, encontro, ancestralidade e história dos objetos utilitários e artísticos de cerâmica. Os autores e suas obras que comporão a discussão serão de Ursula K. Le Guin o livro *A teoria da bolsa da ficção,* o ensaio de Walter Benjamin *O narrador,* a dissertação de Lorena D'Arc Menezes Oliveira *A poética do pote,* de Kakuro Okakura *O livro do chá,* de Cecília Almeida Salles *Gesto inacabado: processos de criação artística* e da tese de Priscila Leonel *Museu dos afetos: uma cerâmica que afeta, cura e conecta à ancestralidade.*

Essa pesquisa se debruçou sobre uma narrativa e mapeamento cartográfico sobre os processos de feitura das xícaras em cerâmica, observando esse objeto como obra de arte, dialogando com fragmentos de memórias, fotos, anotações, leituras e encontros com Chás.

Cada fonte colaborou para a escrita deste presente trabalho, assim como um caco de cerâmica que compõe os pisos das antigas casas. Compartilho e descrevo alguns objetos cerâmicos de minha trajetória e que carregam suas próprias histórias.

No capítulo I será abordado a fundamentação teórica de como os utilitários são recipientes de histórias e estórias, refletindo sobre o uso do termo com “h” e “e”, seguido de um breve panorama da poética do pote. Ele refletirá como uma simples xícara pode construir uma narrativa contra-hegemônica e pessoal. Essas reflexões despertaram a elaboração de uma oficina de cerâmica que foi ministrada para o grupo de pesquisa da residência pedagógica do Instituto de Artes da UNESP, financiado pela CAPES, tendo registros da ação e conclusões sobre a prática como um experimento de que a cerâmica pode ser a arte do encontro de histórias e ser utilizada como recurso didático de autoconhecimento e cura alinhado a arte educação. Encerro com a partilha das diversas outras experiências empíricas que mostram que a cerâmica é a arte do encontro consigo e com o outro.

O capítulo II terá o levantamento da produção pessoal em cerâmica, que majoritariamente ocorreu durante a pandemia COVID-19 e como o modelar deu perspectivas sobre o futuro, já que durante os encontros com o barro atentei-me aos processos de feitura como metáforas. Haverá a partilha dos registros de elaboração das peças, desde a modelagem, acabamento, queima, finalização até a entrega das peças às pessoas queridas que eu tanto desejava reencontrar em outro contexto mundial.

O capítulo III encerra com a percepção e encontro do objeto matriz, ancestral e gerador que nutria e preenchia a produção pessoal de xícaras e canecas. Uma conversa com minha doce mãe que me nutriu para além do leite materno em torno do objeto matriz.

2 OS UTILITÁRIOS COMO RECIPIENTES DE HISTÓRIAS E ESTÓRIAS

> A estória não lida não é uma estória; são pequenas marcas negras na polpa da madeira. O leitor, lendo-a, fá-la viver: uma coisa viva, uma estória.
>
> **Ursula K Le Guin**

É importante ressaltar que a discussão da escolha da denominação *estória* ao invés de *história* neste capítulo, provém de uma busca de significados, com referências literárias ficcionais como uma das obras de Ursula K. Le Guin que foi uma autora e escritora estadunidense conhecida por escrever ficção especulativa que esbarram em temas como gênero, sexualidade, formação de moral e sistemas políticos de forma poética e matéria de compreender a nossa realidade; A busca da denominação mais "correta", poética e intencional que relacione-se com o pote como contador de estória e a esta explicação adiciono o conceito do dicionário. A partilha será por meio das relações poéticas e plásticas que fiz após decantar os conhecimentos adquiridos. A intenção será como a do poeta Manoel de Barros que brincava com as palavras, eu quero brincar com o sentido de *história* e *estória* antes de justificar que os potes de barro utilitários também podem conter em si estórias.

> No descomeço era o verbo.
> Só depois é que veio o delírio do verbo.
> O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
> A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
> Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
> E pois.
> Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos —
> O verbo tem que pegar delírio. (BARROS, 2011)

Não tenho a intenção nenhuma em teorizar e trazer novos conceitos, mas sim convidar você, leitor e leitora, a entender as minhas escolhas poéticas que estão cheias de referenciais simples que extrapolam em meu imaginário e refletem em minhas práticas artísticas e educacionais na elaboração de oficinas e na produção cerâmica.

Apesar de o livro ficcional de Ursula K. Le Guin *A teoria da bolsa da ficção* ter sido responsável por essa busca e discussão dos termos, para se fazer entender minhas confabulações, comecemos pensando nos significados de história com esse "h" e estória com "e", com a boa e velha ferramenta que carrega definições, o dicionário. No Houaiss a

definição da palavra história[1] aparecem com quinze usos desse substantivo feminino, destaco alguns:

> 1. conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido;
> 2. ciência que estuda eventos passados com referência a um povo, país, período ou indivíduo específico;
> 3. a evolução da humanidade ao longo de seu passado e presente; sequência de acontecimentos e fatos a ela correlatos;
> 10. sequência de ações, de acontecimentos reais ou imaginários; enredo, trama;
> 11. narração de eventos fictícios ou não; narrativa, **estória;**
> 11.1 narrativa de cunho popular e tradicional; **estória**

Já em estória[2], aparece apenas uma única definição: "narrativa de cunho popular e tradicional; **história**." Convido-o(a), leitor(a), a continuar acompanhando o meu raciocínio, pois as palavras me intrigam assim como a massa de argila, após perceber que se assemelham tanto na sua plasticidade quanto nos seus propósitos de serem utilitários como também serem artísticos com o fim de conter e contar algo por meio de si.

Segundo um artigo na Exame[3] escrito pelo Diogo Arrais, professor de língua portuguesa e autor gramatical pela Editora Saraiva, aborda qual é o jeito "certo" de escrever com "h" ou com "e" trazendo a origem e as mudanças ao longo do tempo. (ARRAIS, 2013) Ele traz que "estória" é de origem arcaica da língua portuguesa, datando desde o século XIII e que nesse contexto coexistia lado a lado com "istória", isso quando a grafia ainda não havia sido uniformizada. Ele ainda pontua o momento exato em que começamos a carregar a definição mais utilizada atualmente:

> [...] em 1919, o gramático João Ribeiro admitia o emprego de "estória" – ao lado de "história".
> No entanto, em 1943, com a vigência do nosso sistema gráfico, a Academia Brasileira de Letras eliminou tal distinção gráfica, recomendando o uso de "história" em qualquer situação: realidade ou ficção. (ARRAIS, 2013)

Essa discussão de história e estória surge em mim após algumas leituras atuais, sendo a questão central a decolonialidade que conheci através das aulas ministradas pela Professora substituta Dra. Maria Fernanda Novo durante a disciplina Estado Sociedade e Educação em 2020, que apresentou o conceito decolonial de Anibal Quijano e outros autores que abordam a

---

[1]Inserir na busca a palavra História https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1
[2]Inserir na busca a palavra Estória https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#2
[3]Professor explicando as mudanças e os usos das palavras "história" e "estória" https://exame.com/carreira/historia-ou-estoria-qual-e-o-certo/

educação como Paulo Freire, Dermeval Savani e bell hooks. A disputa na história proveniente da reflexão sobre decoloniedade, propõem uma construção de uma nova narrativa histórica que seja feita de forma contra-hegemônica, dando espaço para aqueles que são da maioria minorizada, ou seja os oprimidos que são maioria em números, mas que foram minorias em seus direitos e voz durante a construção da história. Propões-se então que essa maioria minorizada de reconhecerem seus saberes como contribuidores para desenvolvimento da sociedade. Esses, maioria minorizada, no instante em que possuem o domínio da própria narrativa que foi negada por causa do pensamento colonial começam a apontar as estórias que foram negadas. Essa sensibilização começou de fato durante minha formação em licenciatura com o conhecimento sobre a autora bell hooks, seguidora de Paulo Freire, que trouxe atualizações com pautas feministas e raciais, em seu livro *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* que discute a questão da língua, diversidade dos currículos com autores contra-hegemônicos e reconhecimento das subjetividades, principalmente das pessoas que sofreram e sofrem com a violência da herança colonial. Exemplifico alguns dos meus questionamentos: como reconhecer culturas orais e as narrativas de cunho popular e tradicional que têm na arte e vida suas histórias? Esse tipo é visto como estória ao invés de História com "H" maiúsculo?

Após conhecer e me debruçar no livro de Ursula K. Le Guin, *A teoria da bolsa da ficção,* um ensaio ficcional que traz a seguinte provocação: como seria a construção de uma história por meio de uma bolsa de coletores de aveia ao invés de homens com armas? Sendo essa última, homens com armas, a que conhecemos tão bem por ser a legitimada e que tem o domínio da História com H maiúsculo. Le Guin, até certo ponto, dá a entender que a história de fato também provém de uma ficção.

> A ficção científica propriamente concebida, como toda ficção séria, por mais engraçada que seja, é uma maneira de tentar descrever o que de fato está acontecendo, o que as pessoas realmente fazem e sentem, como as pessoas se relacionam com tudo mais neste vasto saco, nesta barriga do universo, neste ventre das coisas por virem a ser e nesta tumba de coisas que foram, nesta estória sem final. (LE GUIN, 2021, p. 24)

Le Guin (2021) aponta que contar uma história sem ter um herói e sim uma comunidade parece algo estranho, mas possível e de outra lógica de sociedade. Traz que os objetos foram criados de acordo com a necessidade da humanidade e está implícito em sua função o desejo daquele que o inventou. Aponta que existe uma diferença entre um pote e uma arma e suas funções de sobrevivência na história, o primeiro para armazenar comida para

si e talvez para o coletivo a segunda serve para caçar, mas também para se proteger ou mesmo dominar o outro. O ensaio de Le Guin passa por um desafio de como contar uma ficção empolgante que tenha uma relação de poder de modo horizontal, sem domínio do outro e convivendo em coletividade. Como construir uma narrativa em grupo e não com um protagonista único? Para isso ela traz vários objetos para contar esse tipo de Estória, que são recipientes utilitários que envolvem serem preenchidos e têm em si o potencial de compartilhar:

> Se você não tem algo para colocar dentro, a comida escapará de você – mesmo algo tão indefeso e sem recursos como uma aveia. Você coloca o máximo que consegue no estômago enquanto seus grãos estão à mão, sendo esse o recipiente primário; mas e amanhã de manhã quando você acordar e estiver frio e chovendo, não seria bom ter alguns punhados de aveia para mastigar e dar à pequena Oom para fazê-la calar, e como você poderia ter em casa mais que apenas um estômago cheio e um punhado de aveia? Então você se levanta e vai para o maldito campo de aveia encharcado pela chuva, e não seria uma coisa boa se você tivesse algo para colocar o Bebê Oo Oo e assim conseguisse apanhar a aveia com as duas mãos? Uma folha uma cabaça uma concha uma rede uma mochila uma sacola uma cesta uma garrafa **um pote** uma caixa um frasco. Um contendor. **Um recipiente**.(LE GUIN, 2021, p. 18, destaques nossos).

Com isso fui traçando relações com outras palavras que iniciam com essas letras e tem relação com os significados de história, segue a lista de palavras que foram pensadas: Homem, Humano, Hegemônico, Hipótese, Herói, Hierarquia, Higienismo, Equidade, Equilíbrio, Evolução, Espaço, Encontro, Existência… e tantas outras. Claro que a escolha das palavras veio carregada de intenção a partir desse pensamento que vinha sendo desenvolvido sobre narrativas hegemônicas e contra-hegemônicas. Proponho pensar sobre a construção da história, o termo com H e o termo com E, a fim de ficcionar realidades possíveis de um passado muito distante. História com H mais próxima da legitimada, hegemônica, de "fatos" históricos. Estórias com E para além do ficcional é também uma forma de contar sobre o mundo e suas relações contra-hegemônica que dá espaço para compartilhar saberes orais legitimando-os. Apresentado o motivo da escolha do termo estória como escolha poética e política deste presente trabalho, ao longo do texto deixarei de usar o termo história.

Isso tudo, para começar a falar da cerâmica em si, como recipiente de estória, desde quando surge o primeiro pote, sendo um dos fragmentos mais antigos da estória humana e de tecnologia ancestral, e que permanece até os dias atuais na arte contemporânea. A cerâmica tem sua origem no utilitário, mas não dá para negar que também carrega estória e poética em

sua feitura marcada pela época. Durante os estudos conheci a dissertação da artista plástica Lorena D'Arc Menezes Oliveira, *A poética do pote,* fala exatamente sobre isso:

> O utensílio cerâmico foi criado primeiramente para atender a uma necessidade específica funcional, que, com o tempo, através do domínio das matérias-primas e do aperfeiçoamento de sua manufatura, foi incorporando outras necessidades humanas, como a expressão, a linguagem e a arte. Ao observar os utensílios cerâmicos, podemos constatar, sem dúvida alguma, desde as tigelas mais primitivas às mais refinadas porcelanas, que neles habitam um repertório potente de significação. (OLIVEIRA, 2011, p. 25)

Na dissertação *A poética do pote* tem-se nos primeiros capítulos o panorama dos diversos formatos do pote desde o seu surgimento e suas mudanças com o passar do tempo até o momento de sua apropriação na arte moderna e contemporânea com exemplos de alguns artistas: Irmãos Martin, Kasimir Malevich, Renato Giuseppe Bertelli, Meret Oppenheim, Pablo Picasso, Peter Voulkos, Grayson Perry, Cindy Sherman e Ai Weiwei.

Após apresentação do pote e sua aparição nas artes, Lorena D'arc Oliveira mostra em seu trabalho artístico (fig. 1) a cerâmica relacionada com a linguagem popular e com a literatura, quando faz aproximação dos ditos populares aos utensílios do chá sendo alguns deles o chá de cadeira, chá de bebê, colher de chá, chá de sumiço entre tantos outros.

Figura 1 – obra de cerâmica de Lorena D'arc Oliveira



Lorena D'Arc. Cerimônia do chá. Porcelana, linha e papel plastificado. 35 x 25 Ø cm. 2007
Fonte: Lorena D'Arc Oliveira, (2011, p. 52)

O racional, o emocional, o popular, o erudito, o ensino formal, informal e não formal, tudo isso não ocorre desconexamente, uma coisa está imbricada na outra, sem que algo seja superior ao outro, sem um melhor ou um protagonista, é como uma grande ciranda, ou um café numa mesa redonda. Lorena D'Arc emprega com excelência em suas peças artísticas esta conexão, elaborando um utilitário "inútil" em sua função prática de servir algo para beber, mas que traz estórias para servir à alma.

O pote, a xícara, a caneca, o jarro, o prato, a escultura, a urna, objetos de cerâmica podem construir narrativas contra-hegemônicas e pessoais por serem uma tecnologia usada não para dominar, mas para compartilhar e nesse fim pode conter as intenções daquele que a elaborou.

2.1 ELABORAÇÃO DA OFICINA: TEM ESTÓRIA NO MEU POTE

Essas reflexões despertaram a elaboração de uma oficina de cerâmica que foi ministrada ao grupo de pesquisa da Residência Pedagógica do Instituto de Artes da UNESP, projeto financiado pela CAPES. Para contextualizar, esse grupo tinha reuniões semanais, que ocorriam às quintas-feiras, como encontros para relatar as experiências vivenciadas nas idas às escolas. Foi muito interessante como tornou-se um momento de acolhimento para todos desde que teve início com a abertura das experiências pessoais dos próprios coordenadores e orientadores PRP IA/UNESP Profª. Drª. Rejane Galvão Coutinho e Sidiney Peterson Ferreira de Lima. A começar pelo Sidiney, que exerce a docência para além do Instituto de Artes da UNESP, sendo também docente no ensino básico. Essa atitude colaborou para que todos sentissem confortáveis em trocar as experiências de forma produtiva e segura, analisando o exercício de aulas e atividades, sejam elas frustrantes ou satisfatórias, de tal forma aprimoramos nossa prática juntos. Além do espaço de partilha de experiências das idas às escolas, utilizamos parte desses encontros para discutir pedagogias, trocar leituras e trocar conhecimentos das áreas de cada um por meio de oficinas que chamamos *oficina de coisas pequenas, pequenas coisas para se aprender.* Segue alguns registros da minha oficina *Tem estória no meu pote.*

Figura 2 – grupo da residência pedagógica no ateliê de cerâmica



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Durante a ação tivemos trocas de lembranças longínquas de cada um relacionadas ao barro, à família e à educação. Umas das pessoas falou que nunca tinha conseguido modelar algo, e que todas as suas tentativas foram frustradas e que estava com medo do que iria sair, mas durante o processo conversamos sobre as peças um dos outros e fomos nos dando apoio técnico e emocional. Esta mesma pessoa que antes nunca tinha conseguido finalizar uma peça finalmente sentiu que tinha realizado a sua primeira peça com sucesso, a ponto de no seu discurso final ser bem diferente do inicial ao dizer que a partir daquele momento sentia-se capaz de modelar qualquer coisa e que pode um dia ser ceramista por ter enfrentado as rachaduras de sua peça e finalmente ter concluir ela inteira, sentindo-se satisfeito para enviar para a prova do fogo e eternizá-la.

Figura 3 – grupo da residência pedagógica no ateliê de cerâmica



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Esta prática foi um experimento que mostrou que a cerâmica pode ser a arte do encontro de estórias e ser utilizada como recurso didático de autoconhecimento, acolhimento e cura alinhado à prática da arte educação.

2.2.1 Experiências empíricas da cerâmica como a arte do encontro

Além dessa elaboração da oficina seguida de prática com o grupo de pesquisa em arte educação na UNESP, tive diversas outras experiências empíricas com a cerâmica constatando-a como a arte do encontro, todas ocorreram durante os meus deslocamentos. Ao viajar e ao encontrar com as pessoas tenho levado o barro comigo, mesmo que não cheguemos a modelar, mas o tenho como um recurso pronto para ser usado para iniciar uma conversa mediada com o barro em mãos. Além de deslocar o barro, após a retomada aos espaços presencialmente pós pandemia, convidei também algumas pessoas a se deslocarem e conhecerem o barro no ateliê do Instituto de Artes da UNESP. Nutro uma experiência de deslocar com o barro e deslocar-se pelo barro, apresentando a matéria que se tornou mediadora do encontro proposto. Irei citar algumas dessas experiências por meio dos registros

fotográficos em ordem cronológica de 2020 a 2023, que iniciaram num contexto de introspecção e reclusão durante o isolamento e no deslocamento sozinha devido a COVID-19 e que continuaram como um novo hábito após o final da pandemia, porém de forma oposta, já num momento de extroversão – modelando com o outro. O barro foi meu companheiro do dia a dia e por isso tenho apresentado ele durante os reencontros com as pessoas queridas.

Em 2020, em situação de isolamento social devido a COVID-19, a produção e os estudos continuaram sendo em casa, adaptamos de forma improvida alguns espaços da casa para servir de ateliê (fig. 4). Além da modelagem sozinha, em momentos meditativos, pude oferecer também às pessoas de casa a possibilidade de conhecer o barro, como à minha mãe (fig. 5).

Figura 4 – ateliê improvisado na lavanderia de casa



Fonte: Alice Bombardi, 2020

Figura 5 – minha mãe tendo o primeiro contato com a cerâmica em casa



Fonte: Alice Bombardi, 2020

Em 2021, ainda em situação de pandemia e reclusão, intercalei minha morada entre duas casas, Osasco –SP e Ubatuba –SP, a primeira dentro de casa numa cidade grande e a segunda numa casinha isolada no meio do mato, foi nesse momento que iniciei o hábito de levar o barro comigo para dar continuidade aos estudos de cerâmica e à minha produção poética de onde eu estivesse.

Figura 6 – Pedro Meurer modelando azulejos para tabuleiro de xadrez



Fonte: Alice Bombardi, 2021.

Figura 7 – eu modelando uma das canecas



Fonte: Pedro Meurer, 2021.

Em 2022, após a retomada das atividades presenciais, voltei a receber familiares em casa, como os meus primos e a minha tia, que vieram passar as férias em casa e também tive trabalho de campo.

Figura 8 – Raquel modelando durante sua visita de férias em casa



Fonte: Alice Bombardi, 2022.

Ainda em 2022, tive a possibilidade de trabalhar como assistente de ateliê em oficinas de cerâmica a convite gentil da Prof. Dra. Priscila Leonel que ministrou a oficina Cerâmica e a Ancestralidade Negra (Avançado) – no SESC Pompéia durante o 1° e 2° semestre. Foi essencial como formação de uma educadora mais sensível se utilizando da materialidade de barro mais a construção dos sujeitos. Essas experiências foram essenciais para a elaboração da minha primeira oficina de cerâmica que foi experienciada com o grupo de pesquisa que citei anteriormente. Durante as aulas do segundo semestre tivemos a possibilidade de fazer um trabalho de campo relacionado à oficina (fig.9).

Figura 9 – turma da oficina de cerâmica do SESC Pompeia



Trabalho de campo no Quilombo da Caçandoca Ubatuba–SP, Marinarda, Claudio, Geisa, Isa, Pri, eu, Camila, Mari, Susan.
Fonte: Alice Bombardi, 2022.

Em 2023, houveram muitos encontros que falaram com e sobre o barro em espaços culturais, na pesquisa de campo, nas férias com os primos, no ateliê do IA-UNESP com os amigos, em viagens, em eventos de extensão, na ação na escola pública e no simpósio de cerâmica.

Figura 10 – Encontro de louceiras modelando gerações no SESC 24 de maio



Mãe, Mestra Dé, funcionária do SESC, filho da Dé, pessoa não identificada.
Fonte: Alice Bombardi, 2022.

Figura 11 – peças produzidas junto com Priscila Leonel em Ubatuba



Fonte: acervo pessoal, 2023.

Figura 12 – produzindo peças junto com Priscila Leonel em Ubatuba, Pedro Meurer e Alice Bombardi



Fonte: Priscila Leonel, 2023.

Figura 13 – primos Nicolly, Erick e Matheus



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 14 – eu, Malú, mãe e Pedro modelando no meu aniversário em meio ao chá



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 15 – Priscila e Alice trocando modelagem e leituras em Bauru–SP



Fonte:Priscila Leonel, 2023.

Figura 16 – Beatriz Batatinha no ateliê de cerâmica do IA-UNESP



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 17 – construção do forno a lenha no IA-UNESP



Alice, Lari, Raquel, Vitória, João, Isa, Brenda, Henry, Beatriz e Laís.
Fonte: Henry Castelli, 2023.

Figura 18 – construção do forno a lenha na EMEF Espaço de Bitita



Beatriz, Alice, Carol e Andressa
Fonte: Ricardo Kobayashi, 2023.

Figura 19 – ônibus de São Paulo com docentes e discentes em viagem para o I Simpósio Amò



Daya, Alice, Sirlene, Janaina, Raquel, Geisa, Camila, Beatriz, Vitoria, João, Paulo, Will, Henry, Cauê, Bruno, Bea, Geo, Bia…

Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Após essas experiências e tantas outras de levar o barro para passear e passear até o barro, percebi que ele foi um recurso para mediar conversas e também foi motivo para ter encontros e continuar a produção pessoal em companhia. Conclui que em todos os encontros, o barro, foi uma maneira de me reaproximar das pessoas nutrindo laços afetivos mais profundos e estabelecendo uma relação de confiança, ainda mais que após as modelagens eu me comprometia em deslocar a criação do outro, que estava em estado frágil, em ponto de barro, para queimar tornando-a resistente e “eterna”, em estado de cerâmica. Após um longo tempo, reencontrar as mesmas pessoas colocando suas peças finalizadas em suas mãos. Foi quase como se houvesse uma transformação da relação de si, do outro e com o outro que foi simbolizada em todo processo de criação e entrega. Cada peça conta a estória de cada um desses encontros e reencontros, assim como a de cada pessoa. A peça de cerâmica também carrega todo esse processo que é uma estória, assim como Priscila Leonel (2021) descreve em sua tese:

> Alguns ceramistas dizem que o barro tem memória. Isso que chamamos de memória está implícito nessa materialidade. Sua plasticidade, sua possibilidade de desfazer, voltar atrás, segurar, guardar a forma que lhe foi dada, mas que, antes da queima, pode se deformar com a aplicação de certa força, são memórias. Se quisermos retornar à forma original, durante a secagem e queima, a

> obra vai expandindo, encolhendo, brigando com o espaço que lhe foi reservado, se permitindo ser a peça. **A cerâmica carrega todo esse processo, a memória da trajetória.** (LEONEL, 2021, p. 171, destaques nossos)

A minha memória é ativada no instante, que me deparo com minhas peças que foram modeladas nesses encontros, relembrando as conversas durante o processo de feitura, a minha preocupação com as peças durante o deslocamento, a espera para queimar e a entrega da peça finalizada, logo, a peça tem a memória de toda essa trajetória: tem um bela estória.

3 A CERÂMICA EM MIM

Desenvolvi uma narrativa da cerâmica em mim que vai desde os objetos cotidianos durante a minha trajetória até o levantamento da produção pessoal em cerâmica e o seu propósito poético. A escolha da narrativa se dá por dois motivos: o primeiro por se tratar da produção artística pessoal e segundo por ser uma forma de contar que vem do artesanal e ancestral, se assemelhando ao assunto tratado na produção das peças cerâmicas. Inspira-se no sentido de Walter Benjamin em seu ensaio sobre a narrativa:

> A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime à narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar em seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (BENJAMIN, 1994, p. 205)

A minha experiência será partilhada de forma autobiográfica e próxima da narrativa como a mão do oleiro na argila do vaso, deixando as impressões digitais na narrativa e na feitura das peças cerâmicas. A começar com o simples objeto cotidiano, presente em praticamente todas as casas: xícaras e/ou canecas. As peças de minha casa têm suas estórias e suas personalidades expressas na superfície dos utilitários. Você leitor e leitora, também tem algumas xícaras ou canecas que têm estória? Que remetem a alguma lembrança ou alguém? Eu tenho. Tenho canecas que tiveram função de alimentar o meu ser e ser metáfora de morada enquanto estavam em minhas mãos durante as refeições da manhã, nos encontros da tarde e nos relaxamentos antes do adormecer. Ao longo do texto, compartilho minhas estórias e convido você a olhar para os objetos que o acompanham e lhe fazem companhia. Você teria algo para contar através de sua xícara preferida?

> A cerâmica é a arte que está mais próxima. Às vezes, ou sempre, a simples xícara, com a qual de manhã tomamos café, torna-se símbolo de costume, de hábitos, de lembrança e de longínquas tradições. A cerâmica, apesar da invasão de tantos outros materiais na vida doméstica, continua companheira e amiga. (BARDI, 1980, p. 12)

Quando pequena, adorava escolher a caneca ou xícara que representasse meu humor no dia, além disso gostava muito de reproduzir os desenhos presentes nas superfícies dessas cerâmicas no papel elaborando narrativas em minha cabeça. A minha mãe é uma grande curadora de louças e tem uma organização por categorias, mesmo quando guardadas dentro dos armários fechados (fig. 20 e fig. 21).

Figura 20 – xícaras, canecas e bules no armário de casa



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 21 – outros utilitários de cerâmica e vidro no armário de casa



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Além das xícaras, canecas, bules e potes, há pratos e outros objetos cerâmicos colados na parede da cozinha que também são uma composição da minha mãe (fig. 22). Mesmo

depois de alguns objetos já terem sido quebrados, não foi motivo suficiente para descartar e retirar a sua permanência na composição, existe uma beleza após o “acidente” e estarem em fragmentos que os fazem permanecerem integrados na parede.

Figura 22 – parede da cozinha com pratos e objetos de cerâmica.



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

As canecas e xícaras de casa que acabaram perdendo sua utilidade por terem trincado ou lascado permaneceram em casa, porém ganhando uma nova função como cachepôs de plantas. Elas foram tão úteis e companheiras, como poderíamos descartá-las? Aqui em casa acreditamos que mesmo com a sua função inicial alterada já que há possibilidade de permanecerem para além do encargo de quando foram criadas.

Figura 23 – xícaras e canecas que trincaram e viraram cachepôs na janela da cozinha



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

A figura 24 tem uma das canecas mais importantes, contém dentro dela a união dos meus pais, essa caneca era um par, infelizmente na imagem há apenas uma delas, pois a outra não existe mais, já que recentemente se fragmentou em tantos pedaços que não dava nem para usar de outra forma como um cachepô de plantas, por isso acabou sendo descartada. Infelizmente não temos o registro fotográfico com o da figura 24. Apesar de não ter uma foto, eu utilizei da memória para reconstruir a caneca através de um desenho (fig. 25).

Figura 24 – uma das primeiras xícaras dos meus pais, o par da minha mãe



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 25 – desenho que eu fiz de memória da caneca do meu pai



Alice Bombardi, grafite sobre papel pólen, A4, 2023.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

A pequena e grande estória dos primeiros objetos da casa dos meus pais, foi esse par de canecas (fig. 24 e fig. 25). E esses desenhos presentes na superfície das peças refletiam um pouco do humor de cada um e da vida que iniciavam juntos. O que eu me recordo que foram as primeiras coisas que tiveram em sua primeira casa juntos, nem sofá tinham, mas tinham pelo menos um par de canecas para nutrir essa nova vida que iniciavam juntos. A parte que mais ficou gravada em minha cabeça foi que minha mãe contou que a ilustração presente na caneca se assemelhava ao meu pai naquela época, principalmente por ter apenas três pelos no peitoral, exatamente a quantidade que meu pai tinha quando eles se casaram e compraram a casa, talvez o motivo da fixação desse detalhe tenha sido por eu estranhar a diferença do que eu via, já que meu pai tem muito mais do que três pelos em seu peitoral e na época eu não conseguia imaginá-lo de outro jeito.

Após eu desenhar a versão da caneca do meu pai, (fig. 25) enviei uma foto no Whatsapp para minha mãe conferir e recebi o seguinte áudio que transcrevo na íntegra:

> *Ficou igualzinho, nossa, deu até uma lembrança aqui tão divertida de quando fui comprar essa caneca... foi interessante, que eu comprei as duas canecas e uma bandeja de espiga de milho (risadas) que foi a primeira coisa que fiz em casa para comer. Neste dia foi o dia que eu peguei para ir ao dentista, acho que faziam 3 dias que havíamos*

> *casado, aí peguei para ir no dentista porque eu tinha que ir no dentista, aí depois do dentista eu peguei e fui no mercado, na época era Jumbo Eletro, não era ainda Supermercado Extra, nem nada, era Jumbo Eletro. Aí achei essas canecas, aí eu peguei comprei essa caneca aí, porque eu achei uma gracinha, olhei e pensei ah eu e teu pai!! Eu brincando e pensando comigo mesma. Aí depois peguei uma bandeja de espiga de milho. Nesse dia, cheguei em casa com a bandeja de espigas de milho, cozinhei três espigas de milho, fiz um chá, e seu tio Ronaldo tava em casa nesse dia, foi o que a gente comeu, foi espiga de milho, eu tomei chá e eles tomaram uma cerveja e eu lembro até hoje que seu tio Ronaldo foi furar o negócio para por espelho do banheiro, nesse mesmo dia teve muitos acontecimentos, furou o cano d'água… foi uma loucura, mas foi muito divertido esse dia. Foi o dia que comprei a caneca de chá, essas duas canecas aí, a minha e do seu pai. [ÁUDIO DA MINHA MÃE]*

3.1 XÍCARA OU CANECA, QUAL ESTÁ CERTA?

Apesar do uso predominante do termo xícara ao longo do texto, oralmente tenho o hábito de usar também o termo caneca, que é mais natural de pronunciar quando olho para a maioria das minhas referências e para minha produção de peças. Ainda assim, levanto o questionamento: xícara ou caneca? Existem diferenças, se sim quais são? Ao inserir no dicionário Oxford xícara[4] encontramos a seguinte definição: "recipiente para tomar líquidos, chávena", sua tradução para inglês "*cup*". Exemplo: "uma xícara de café - a cup off coffee". Já ao inserir a palavra caneca no mesmo dicionário[5], encontramos a definição "recipiente com asa para beber", sendo sua tradução para inglês "*mug"*, tendo os seguintes exemplos: "uma caneca de café - a coffee mug" e "uma caneca de cerveja - a beer mug".

Apesar da discussão se é xícara ou caneca, e ambas as maneiras estão corretas, o fato é que o ato de perceber esses simples objetos que sempre estiveram no meu dia a dia, se deu a partir de 2018, após um pequeno contato com a cerimônia do chá na Casa de Cultura Japonesa, projeto de extensão universitária da USP. Lá despertou em mim o encantamento pela cultura oriental que me motivou a buscar relações com a minha própria cultura. Na

[4]Definição de xícara https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/portugues-ingles/xicara?q=x%C3%ADcara
[5]Definição de caneca https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/portugues-ingles/caneca

cerimônia conheci o chá como pausa, cura, comunhão, encontro e experiência estética e também aprendi com os cerimonialistas que a cultura oriental, mais especificamente a japonesa, valorizam os artistas e a natureza, o que se nota desde a escolha dos materiais utilizados, como o bambu e a cerâmica, provenientes de uma produção artesanal, até nos detalhes da decoração que remetem a filosofias e sugestões sobre a natureza. A leitura do *Livro do Chá,* de Kakuzō Okakura, fez com que eu me atentasse ainda mais a esses detalhes que reverberam em minha própria produção cerâmica que se iniciou em 2019 na UNESP, durante a formação em Artes Visuais, e que também me estimulou uma visão mais atenta para os nossos costumes culturais como o cafézinho da tarde e o ato de colecionar xícaras e canecas.

Em 2019, no segundo ano de graduação, chegou o momento no qual deixei de só apreciar a cerâmica para começar a aprendê-la, colocando a mão na massa, conhecendo a cerâmica de outra maneira, para além dos olhos sobre o objeto pronto. Isso se deu nas disciplinas de linguagem tridimensional I e II no ateliê de cerâmica, na época ministradas pelo Prof Dr. Jean-Jacques Armand Vidal, com presença da Priscila Leonel que realizava seu estágio de docência em seu doutorado, monitoria do Júlio Ribeiro Pazos e apoio da técnica Vera Cozani. No final deste ano, visitamos a cidade de Cunha–SP, um importante pólo cerâmico onde nós tivemos a oportunidade de adquirir mais conhecimento sobre peças cerâmicas queimadas em alta temperatura por meio de fornos tradicionais a lenha, como o Noborigama a ciência do uso de cinzas para confeccionar esmaltes. Também soubemos da existência de um forno Smokeless que foi inventado no Japão e construído em uma versão pelo próprio criador aqui no Brasil, no Instituto Cultural da Cerâmica de Cunha (ICCC) e visitamos diversos artistas em seus ateliês, tais como Alberto Cidraes, Juliana Araújo, Carol Tsai ex-aluna do IA–UNESP, Suenaga & Jardineiro, Mieko & Mário e a galeria de arte da cidade: Galeria Quinta Essência. Além disso, adquirimos argila da região, na Oficina de Cerâmica Augusto Campos e Leí Galvão. Conhecemos este barro que, após a queima, adquire um tom rosado e muito brilho já que sua composição é rica em mica.

Um universo de possibilidades abriu-se sob minhas mãos, a capacidade de criar praticamente qualquer coisa a partir do barro me encheu o peito de felicidade e empolgação. Também, conhecer pessoas que vivem desse fazer me trouxe inspiração.

> Seriam os que se dedicaram à cerâmica os primeiros artífices? Artífices para dizer artista e, ao mesmo tempo, praticante manual do ofício, idealizador e executor. “Fazer à mão” é a indicação de uma antiga e inextinguível relação entre a matéria e o talento; (BARDI, 1980, p. 11)

Participar de todas as etapas de produção de uma obra é uma conexão única que possibilita desvendar o processo criador.

3.2 SONHANDO E MODELANDO OS FUTUROS ENCONTROS

> […] Parece que as matérias terrestres, assim que as pegamos com a mão curiosa e corajosa, excitam em nós a vontade que sonha e que, ao sonhar, dá um futuro à sua ação. (BACHELARD, 1990, p. 1)

Em 2019 coloquei timidamente a mão na massa de forma experimental, foi um ano de muitas novidades, já que era o 2° ano de graduação, o período da formação conhecido como a saga dos ateliês do Instituto de Artes da UNESP, momento de contato com as mais diversas técnicas e materialidades, apesar disso, o ateliê de cerâmica me chamou mais atenção pois foi o único espaço de introspecção durante as produções.

A produção pessoal continuou mesmo quando estávamos distantes dos ateliês do Instituto de Artes da UNESP, durante o isolamento no período de pandemia entre 2020-2021, tivemos a possibilidade de agendar e retirar os materiais na universidade para dar continuidade em nossas casas com o ensino remoto. Esse momento foi o mais sensível em minha estória, no qual as lembranças das experiências vividas anteriormente eram rememoradas constantemente pelo desejo de retornar à **"**normalidade**"** e de querer sair de minha casa para ir me encontrar com o mundo. Nesse tempo, o conhecimento que aprendera em 2019 nas disciplinas de linguagem tridimensional I e II, seguido do trabalho de campo em Cunha-SP, deixou de estar latente e tornou-se real, pois de fato comecei a produzir peças. A busca pela companhia foi através da produção cerâmica no meu quarto durante as aulas virtuais, no quintal, na cozinha, mantendo a mão sempre ocupada em todos os cômodos da casa, quase como uma forma de relembrar e com medo de esquecer do passado vivido nos ateliês e nos encontros de chás e cafezinhos com os colegas durante os intervalos das aulas. Além da modelagem, as xícaras de chá eram momentos de pausa no meu cotidiano pandêmico, no qual tudo estava acontecendo de forma remota. Então, tanto tomar o chá na primeira caneca que modelei (fig. 26) em 2019, quanto mexer com o barro tornaram-se momentos meditativos, para afastar a ansiedade, zelar pela minha saúde mental e sonhar com um futuro melhor.

Figura 26 – primeira caneca de cerâmica modelada por mim



Alice Bombardi, cerâmica terracota, argila de Cunha–SP, queima de alta a gás com redução, 2019.
Fonte: Alice Bombardi, 2019.

Figura 27 – minha mão e a primeira pequena xícara



Alice Bombardi, cerâmica terracota, queima de alta a gás com redução, 2019.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Tem também a minha primeira xícara pequenina (fig. 27) de cerâmica modelada por mim, em 2019, a fiz no mesmo dia que a caneca, para ser vasinho, mas acabou virando um porta jóias da minha mãe.

A partir daí, passei a elaborar novas xícaras, pensando nas pessoas que gostaria de encontrar e convidar para um chá. Se refletiu sobre a superfície das xícaras texturas sugestivas que demonstravam o desejo de estar ao ar livre junto da natureza. “A obra vai, assim, se desenvolvendo nesse ambiente emocionalmente tensivo, em meio a prazeres e desprazeres, flexibilidade e resistência” (SALLES, 2004, p. 85). Elaborei xícaras de chá como desejo do encontro comigo e com o outro. Durante essa produção, fui envolvida com a leitura do Livro do Chá de Kakuzo Okakura (2017), especialmente com o capítulo A xícara da humanidade que tem o seguinte trecho “Aqueles incapazes de sentir em si mesmos a pequenez das coisas grandiosas tendem a ignorar nos outros a grandiosidade das pequenas coisas”.

Figura 28 – processo de textura na xícara



Alice Bombardi, argila de Cunha–SP, em ponto de couro, 2021.
Fonte: Alice Bombardi, 2021.

O processo de feitura das xícaras e canecas, iniciou-se a partir de placas grossas costuradas ou desbastando bloco único de argila ou com beliscando a massa, com a estrutura base feita após a peça ficar mais firme ocorre em seguida a operação de tirar lasquinhas e lasquinhas até chegar no formato e textura que remetesse a algo da natureza. A

etapa de fazer a textura, é minha parte favorita da elaboração da peça, a em que mais medito, em que eu não tinha controle nenhum, deixando os traços soltos e orgânicos, o que torna a fase mais demorada do acabamento chegando a durar uma semana até a peça chegar no ponto de osso[6]. Às vezes eu gostava muito do resultado de uma xícara e tentava reproduzir na próxima, porém não consegui reproduzir nenhuma textura e formato, parecia que cada peça era única, assim como cada pessoa em que eu pensava durante a modelagem, isso tudo somado com a sensação de que o barro decidia o que queria vir a ser. O haicai de Paulo Leminski expressa bem essa relação entre o barro e o ceramista que vivenciei durante a feitura das peças:

o barro
toma a forma
que você quiser

você nem sabe
estar fazendo apenas
o que o barro quer

(LEMINSKI, 2013)

Produzir em casa durante a pandemia, foi também reparar nas referências que me atravessaram ao longo da vida cotidiana do lar e da família e que até então não tinha me atentado. Queria entender por qual razão gosto tanto de texturas de casca de árvore, o que mais a frente percebi em praticamente todas as minhas produções plásticas. Em casa temos o hábito de colecionar galhos (fig. 29) e até presentear uns aos outros com fragmentos de árvores que encontramos no caminho. Não é qualquer galho, tem uma curadoria feita, ele tem que chamar atenção e consequentemente estimular o impulso de carregá-lo para casa, transformando-o em parte da nossa coleção.

[6] Etapa em que a peça de barro perde toda a água, não sendo mais possível modelar, apenas raspar.

Figura 29 – coleção de galhos



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

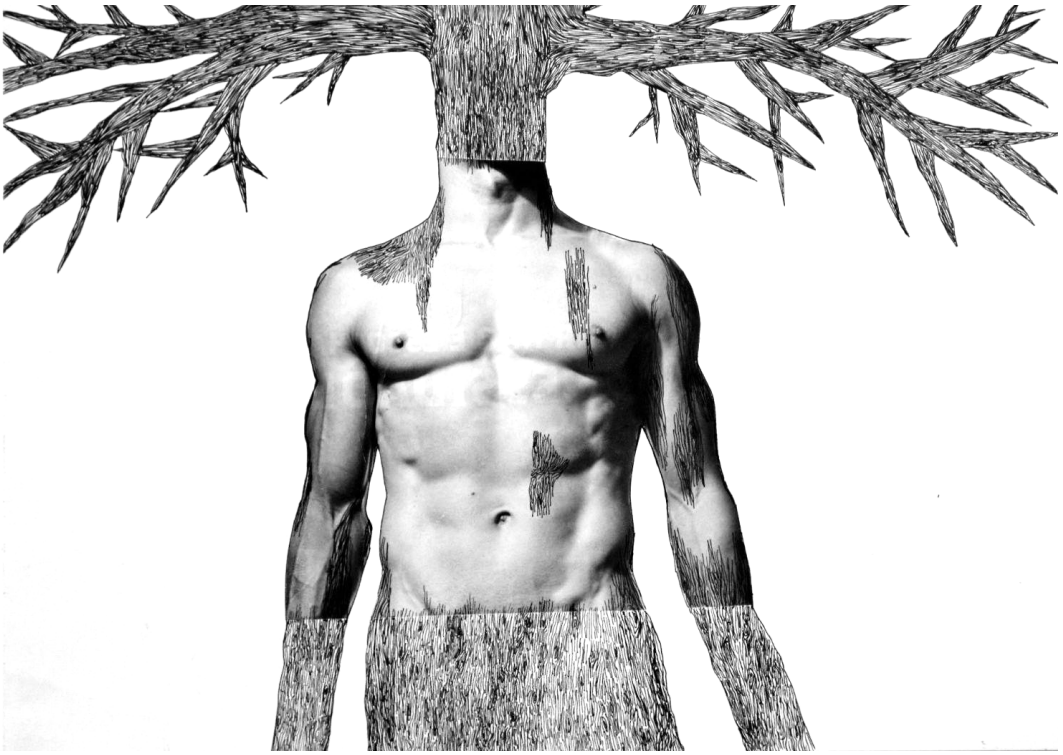
Esse encantamento pelas texturas de casca de árvore é visível antes mesmo que eu pudesse trazê-lo à tona no tridimensional. Eu já transbordava essa pele de árvore nas representações no plano bidimensional em meus desenhos e colagens que produzi antes mesmo de ingressar à universidade. No primeiro ano de graduação um dos docentes, Agnus Valente, que era professor de introdução a linguagem tridimensional na época, nos disse no primeiro dia de aula que ao longo da nossa formação iríamos descobrir nossa poética e para isso sugeria um exercício que exigia não jogar fora nenhum dos trabalhos, principalmente os que vieram antes de ingressar na universidade, para que no final da graduação pudéssemos reunir a criação artística de cada ano e olhar em conjunto para toda a produção que já havíamos feito. Nesse momento seria possível, segundo Agnus, encontrar a poética do próprio trabalho. Durante o isolamento, fui revisitar os meus trabalhos (fig. 30, 31, 32, 33 e 34), exatamente no meu aniversário em que completei 24 anos, 04 de maio de 2021, mesmo dia em que Angus Valente deixou a terra para descansar em paz. O ato de praticar o conselho que ele nos deu tão sabiamente, foi uma forma dele permanecer vivo dentro de mim e de eu agradecer pelo presente dele ter existido.

Figura 30 – colagem desenho *Senhor e Senhora Primavera*



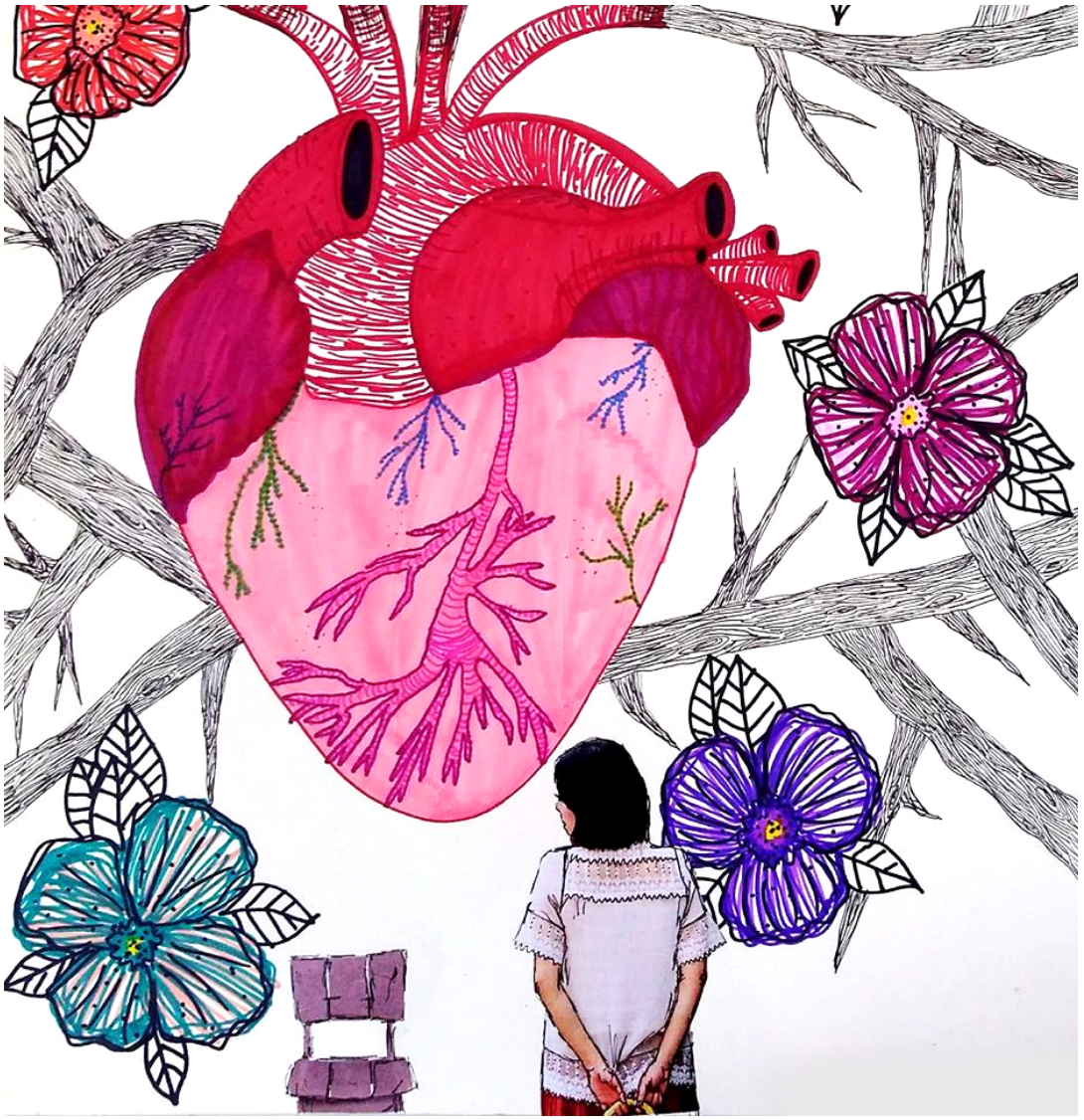
Alice Bombardi, *Senhor e Senhora Primavera,* colagem desenho sobre papel canson, A4, 2016.
Fonte: Alice Bombardi, 2016.

Figura 31 – colagem desenho *Sem Título*



Alice Bombardi, *sem título,* colagem desenho sobre papel canson, A3, 2016.
Fonte: Alice Bombardi, 2016.

Figura 32 – colagem desenho *Sem Título*



Alice Bombardi, *sem título,* colagem desenho sobre papel canson, A3, 2017.
Fonte: Alice Bombardi, 2017.

Foi de suma importância rever os trabalhos que produzia antes mesmo de ingressar na universidade em Artes Visuais, perceber que existe uma conexão do antes com o agora é saber que estou no caminho certo em minha produção poética.

Figura 33 – díptico *Apolíneo e Dionisíaco*



Alice Bombardi, díptico *Apolíneo e Dionisíaco,* guache e caneca gráfica sobre papel canson, A5, 2018.
Fonte: Alice Bombardi, 2018.

Figura 34 – pintura tríptico *Sem Título*



Alice Bombardi, tríptico *sem título,* guache e caneca gráfica sobre papel canson, A5, 2018.
Fonte: Alice Bombardi, 2018.

A maioria das peças em cerâmica foi confeccionada entre 2020 e 2021, todas elas dentro desse contexto, após serem finalizadas em sua modelagem, eram guardadas em cima do armário, aguardavam ansiosamente pela queima que só aconteceria com a retomada do presencial e abertura da universidade para que assim fosse possível usar o forno elétrico do

Instituto de Artes. Algumas chegaram a ser modeladas no início de 2022, durante a espera da abertura do Instituto de Artes, que retornou tardiamente às suas atividades presenciais, apenas em meados de maio de 2022 que foi possível voltar a entrar no prédio e assim retomar o uso dos ateliês.

Figura 35 – registro das peças em ponto de osso, aguardando a retomada dos ateliês para serem biscoitadas



Fonte: Alice Bombardi, 2022.

Figura 36 – peça em ponto de osso com presença de manchas de oxidação



Fonte: Alice Bombardi, 2022.

Figura 37 – registro da peça em ponto de osso com forte presença de manchas de oxidação



Fonte:Alice Bombardi, 2022.

Essa caneca (fig. 37) foi a primeira da série que se iniciou em 2020, e foi a que mais ficou escura, por tantas e tantas vezes que alisava a peça, sentindo a sua textura antes de começar uma nova peça. Foi como deixar a natureza decidir a sucessão dos eventos e minha mão foi a forma de colorir a peça com a força do tempo. Quantas Alices diferentes ao longo desse período não tocaram essa peça? O colorido se deu através das emoções que transpiram na pele das árvores.

Figura 38 –registro peça em ponto de osso com presença de manchas de oxidação



Fonte: Alice Bombardi, 2022.

Figura 39 – registro da peça em ponto de osso com presença de manchas de oxidação



Fonte: Alice Bombardi, 2022.

Figura 40 – registro da peçaem ponto de osso com presença de manchas de oxidação



Fonte: Alice Bombardi, 2022.

> O processo, e não o ato, era interessante. Completar, e não o completo era verdadeiramente vital. Dessa maneira, o homem se viu sem demora frente a frente com a natureza. Um novo sentido germinou na arte da vida. O chá começou a ser não mais mero passatempo poético, mas um método de autocompreensão. (OKAKURA, 2017, p. 48)

Com a citação acima (OKAKURA, 2017, p. 48), expressa a relação de tomar chá que, para mim, se aplica também ao ato de confeccionar peças para serem preenchidas desse mesmo líquido: o chá.

Figura 41 – registro da peça em ponto de osso, presença de manchas de oxidação na alça



Fonte: Alice Bombardi, 2022.

> Não há, portanto, uma teoria fechada e pronta anterior ao fazer. A ação da mão do artista vai revelando esse projeto em construção. As tendências poéticas vão se definindo ao longo do percurso: são leis em estado de construção e transformação. (SALLES, 2004, p. 40)

3.3 A MÁGICA DE TRANSFORMAR O SONHO EM REALIDADE

Em 2022, com a retomada das atividades presenciais, tive a oportunidade de trabalhar como assistente para a Profª. Drª. Priscila Leonel que ministrou sua oficina no 1° e 2° semestre – Cerâmica e a Ancestralidade Negra (Avançado) – no SESC Pompeia. Foi a primeira vez depois de dois anos produzindo dentro de casa em isolamento que entrei em um ateliê novamente e encontrei várias pessoas juntas com interesses em comum, modelar o barro e contar estórias, além de também ter sido um grande reencontro com uma das pessoas que me ensinou cerâmica na minha graduação em 2019. Entrei no ateliê do SESC Pompeia antes de volta à universidade em que aprendera tudo o que sabia sobre cerâmica até então.

Exercer essa nova função de assistente com a retomada das atividades presenciais foi um desafio, pois estava insegura de aplicar o que sabia, além de também ter sentido falta de alguns conhecimentos sobre o barro durante a minha produção pessoal no isolamento e sem a presença dos ateliês. Trabalhar num ateliê dando assistência aos alunos e a professora foi de imensa importância na expansão dos meus conhecimentos cerâmicos na prática. A oficina da Profª. Drª. Priscila Leonel tinha como objetivo no seu plano de aula convidar os participantes a produzir subjetividades, através da potência do barro. Propondo um fazer cerâmico que parte do encontro dos alunos com a própria memória, fortalecendo a relação com a identidade, a partir de conhecimentos da ancestralidade negra. Priscila Leonel inicia suas aulas compartilhando um pouco de si e de sua produção poética que a instigou a pesquisar as referências ancestrais, a partir de sua valorização da estória de vida, como está presente em sua tese de doutorado:

> Sobre este ponto, o presente trabalho apresenta a retomada da memória como valorização da história de vida, assim como a busca por raízes; uma forma de reconexão com a ancestralidade e todas as histórias que nos antecederam. O amadurecimento desses dois elementos, através de um processo artístico, leva à cura. E você visitante, como você se reconecta com os processos de cura? (LEONEL, 2021, p. 132)

A partir da partilha da sua própria estória, convida o outro a poder fazer o mesmo, tudo mediado pelo barro. Ser assistente da Priscila foi essencial, num momento exato da minha trajetória de vida em que estava com medo do futuro, sonhava com ele, mas estava muito insegura com as trocas sociais após tanto tempo dentro de casa. Nas suas aulas pude também participar desse processo de cura com o presente e de conexão com a minha estória, pude olhar para as minhas peças com mais amor e ver o que elas revelavam para mim. Em um

dos encontros nos foi proposto levar um objeto que remetesse a nossa própria identidade e ancestralidade. Nesse momento eu pensei em um objeto (fig. 42) que sempre esteve em minha casa, e que, inclusive, eu desgostava, pois achava feio, mas tinha um certo carinho para com ele.

Figura 42 – Jarro ancestral



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Apesar de ter pensando neste objeto (fig. 42), não o levei por estar pesado e conter terra e plantinhas. Além disso, era uma peça importante para minha mãe, e pensei que no deslocamento para o trabalho ele poderia quebrar. Então pensei em um segundo objeto (fig. 43), que é um retalho de tecido do primeiro sofá da minha infância com intervenção de alguns bordados, feitos por mim, representando um pé de café e algumas brincadeiras da minha infância no sítio do meu avô Nicola, um trabalho que está inacabado, mas que tenho grande apreço no estado em que está.

Figura 43 – objetos dos estudantes que representam sua identidade e ancestralidade – oficina no SESC Pompeia



Fonte: Alice Bombardi, 2022.

3.3.1 Resultados após as provas de fogo

1ª queima: 900°C – biscoito.

Algumas peças, em especial as primeiras feitas no início de 2020, permaneceram com as manchas de oxidação mesmo após a queima, vale ressaltar que todas foram modeladas da mesma argila adquirida durante a viagem cultural de Cunha–SP em 2019, logo, era de se esperar a mesma coloração cor rosada com muito brilho. O tempo, o suor, o desejo de queimar durante muitos anos deixaram suas marcas não só nas peças em estado de barro, mas também após se transformarem em cerâmica, resistindo à primeira prova de fogo. Mesmo com o retorno da vida presencial, após a quarentena de anos da COVID-19, permaneceram na alma de cada pessoa marcas desse tempo que ficarão para a estória.

> As imagens trazem a marca do sujeito. E essa marca é tão clara que, afinal, é pelas imagens que se pode obter o

> diagnóstico mais seguro dos temperamentos. (BACHELARD, 1990, p. 2)

Figura 44 – peças biscoitadas



Alice Bombardi, cerâmica terracota, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2022.

2ª queima: 1000°C – esmalte.

A escolha do esmalte foi muito difícil, pois a coloração que eu mais gostei durante todo o processo de feitura das peças quando estavam em ponto de osso, com as manchas causadas pela oxidação do ferro na massa, talvez por ter um aspecto mais orgânico e próximo das cores da natureza e se assemelhar aos galhos naturais. No momento de escolher quais esmaltes usar, ao entrar nas lojas de materiais cerâmicos, foi necessário incluir três filtros: a escolha de esmaltes que fundem em baixa temperatura, já que só tinha essa possibilidade de queima no forno elétrico do Instituto de Artes da UNESP, por faltar o gás que viabiliza a queima de alta, e isso já restringiu diversas das cores disponíveis. O segundo filtro foi a obrigatoriedade foi ser livre de toxicidades para poderem ser usados utilitários. O terceiro filtro foi o gosto pessoal e a coerência com a minha poética, escolhi esmaltes acetinados e foscos em tons marrons que remetessem à madeira e alguns tons esverdeados para remeter aos líquens e musgos que estão presente na casca das árvores.

Figura 45 – peças esmaltadas esperando a queima de 1000°C



Alice Bombardi, cerâmica terracota, argila de Cunha–SP, aguardando queima de esmalte em forno elétrico,2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2022.

As prateleiras de queima indicam 980°C (fig. 45) para queima de esmalte, mas os fornos elétricos de baixa temperatura chegam até 1000°C, que é exatamente a temperatura necessária para fundir os esmaltes adquiridos.

As peças passaram por duas queimas de esmalte, pois por não ter tido tanta experiências com a técnica de esmaltar, após a primeira queima, com o teste de vazamento, constatei que passei pouco esmalte no interior das peças por isso vazaram. Foi preciso esmaltar novamente para que tivesse a quantidade necessária para impermeabilizar as peças e elas poderem ser usadas com segurança.

Seguem os registros de todas as xícaras e canecas finalizadas após a queima de esmalte:

Figura 46 – caneca para o Diogo



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 47 – xícara para a Malú



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila branca, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 48 – xícara para o Pedro



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 49 – xícara para a Tercília



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 50 – caneca para a minha mãe



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 51 – caneca sem dono



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 52 – minha nova xícara



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 53 – xícara para a Magu



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 54 – caneca para a Mari



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 55 – copinho para o Lucas



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 56 – caneca para o Felipe



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 57 – xicrinha de café para o Pedro



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 58 – canequinha para meu pai



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 59 – caneca para a Rita



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 60 – caneca para o Kako



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 61 – caneca para o Lalo



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 62 – caneca para o Henrique



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 63 – xícara para a Verinha



Alice Bombardi, cerâmica esmaltada, argila de Cunha–SP, queima de baixa em forno elétrico, 2022.
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

3.3.2 Realizando o (re)encontro: canecas em mãos

As canecas foram entregues na semana do natal de 2022, como um presente por estarmos finalmente presentes nas vidas uns dos outros. Sendo que neste mesmo ano, 2022, seria o primeiro natal após a declaração do fim do distanciamento social estabelecido pelas recomendações governamentais de saúde e finalmente com todos vacinados. Seguem imagens das canecas em mãos, foram enviadas via WhatsApp[7] após um pedido meu, aqui mais uma vez a cerâmica propôs um encontro, mesmo que de longe, foi um motivo para reencontrar as xícaras e as pessoas.

Figura 64 – Mari Cabral e sua caneca



Fonte: Lucas Meurer, 2023.

[7] um aplicativo de multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.

Figura 65 – Diogo Bassinello e seu canecão



Fonte: Diogo Bassinello, 2023.

Figura 66 – pai e sua caneca



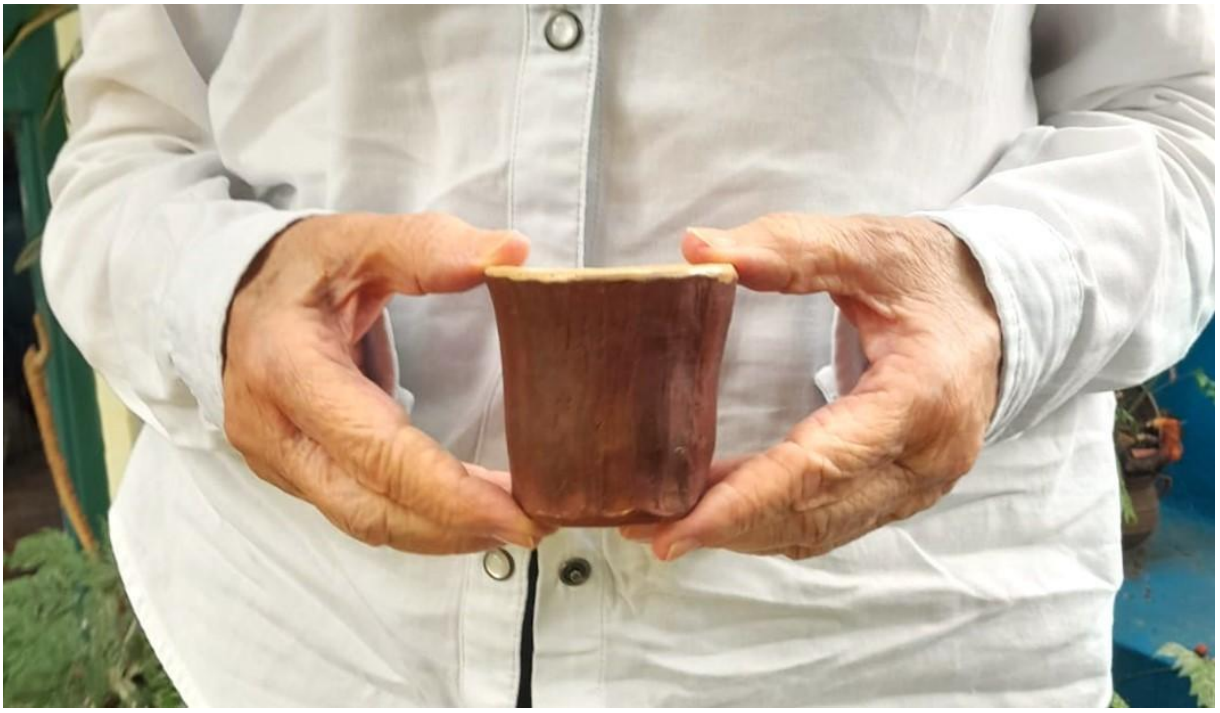
Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 67 – Henrique Bombardi e sua caneca



Fonte: Henrique Bombardi, 2023.

Figura 68 – Magu e seu copinho



Fonte: Kako, 2023.

Figura 69 – eu e minha xícara



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 70 – Kako e sua caneca



Fonte: Kako, 2023.

Figura 71 – Lalo e sua caneca



Fonte: Lucas Meurer, 2023.

Figura 72 – Vó Irene e sua caneca



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 73 – Pedro e suas xícaras



Fonte: Pedro Meurer, 2023.

Figura 74 – Malú e sua xícara



Fonte: Malú Macedo, 2023.

Figura 75 – mãe e sua caneca



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

Figura 76 – Lucas e seu copinho



Fonte: Lucas Meurer, 2023.

Figura 77 – Felipe Bombardi e sua caneca



Fonte: Felipe Bombardi, 2023.

Figura 78 – Verinha e sua xícara



Fonte: Alice Bombardi, 2022.

Figura 79 – Dona Tercília e sua caneca



Fonte: Rita Bassinello, 2023.

Figura 80 – Rita Bassinello e sua caneca



Fonte: Rita Bassinello, 2023.

4 O JARRO ANCESTRAL: O QUE NUTRE MINHAS CANECAS?

> Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica que, por sua vez, afetam a obra daquele criador, como um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade do artista; estamos, portanto, no campo da unicidade de cada indivíduo. São gostos e crenças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular e único. Esse projeto estético, de caráter individual, está localizado em um espaço e um tempo que inevitavelmente afetam o artista. (SALLES, 2004, p. 37)

O jarro materno vai simbolizar mais do que leite que alimenta a prole que tem como objetivo o desenvolvimento biológico. Aqui será tratado sobre um outro tipo de alimento, aquele que nutre de referências socioculturais e emocionais as gerações futuras.

Figura 81 – Jarro ancestral



Fonte: Alice Bombardi, 2023.

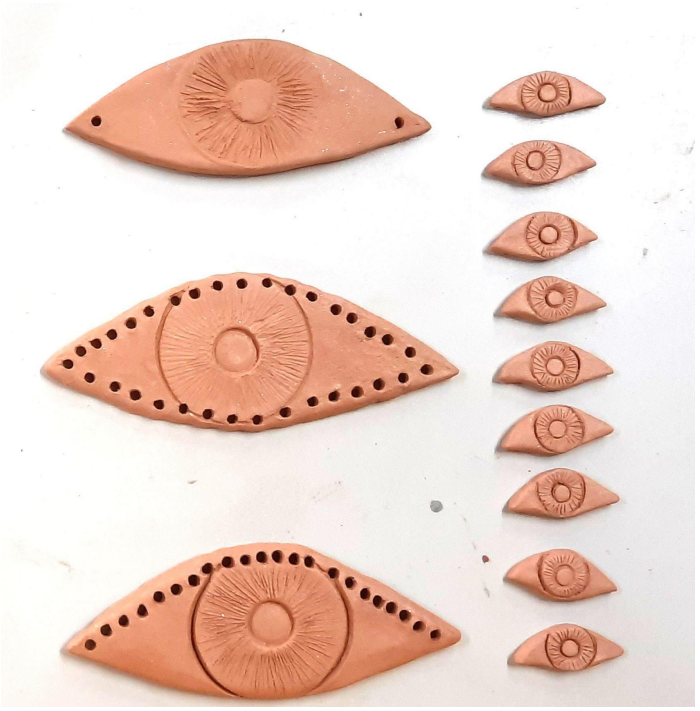
Retomando o jarro (fig. 81) pude perceber as semelhanças entre as peças que vinha produzindo, tanto nos utilitários com características da natureza, quanto nas minhas outras peças de estudo como os olhos de cerâmica que são testes de esmalte (fig. 82 e fig. 83). Só fui notar que os nós da árvore do jarro e os olhos testes de esmalte são extremamente semelhantes durante a reunião do material artístico para este presente trabalho de conclusão de curso. Lembrando que a primeira sensibilização de encontrar o jarro como uma referência ancestral se deu em 2022, durante o exercício da oficina do SESC Pompeia ministrada pela Priscila Leonel, e depois novamente em 2023, como aluna especial na disciplina *Contar História e caminhar com ancestrais: A cerâmica e suas contribuições para o pensamento decolonial na arte,* da pós-graduação do Instituto de Artes da UNESP, também ministrada pela Profª. Drª. Priscila Leonel.

Figura 82 – olhos testes de esmalte e um chassis de cerâmica



Fonte: Alice Bombardi, 2019.

Figura 83 – olhos para teste de esmalte biscoitadas



Fonte: Alice Bombardi, 2022.

> O artista não inicia nenhuma obra com uma compreensão infalível de seus propósitos. Se o projeto fosse absolutamente explícito e claro ou se houvesse uma pré-determinação, não haveria espaço para desenvolvimento, crescimento e vida; a criação seria, assim, um processo puramente mecânico. (SALLES, 2004, p. 39)

Para entender melhor esse objeto, o jarro, que apareceu duas vezes nas atividades para se pensar na ancestralidade, precisei conversar com minha mãe para retomar a estória dessa peça cerâmica que sempre esteve presente em minha vida e que só agora que me dou conta de sua presença na minha produção cerâmica. Segue a transcrição de áudios gravados dessa conversa tão reveladora:

> ***[EU]:*** *Quando surgiu esse Jarro na sua vida, mãe?*
>
> ***[MÃE]:*** *Bom, esse Jarro aí, quando eu tinha 11 anos fui com minha mãe numa feira, que tem até hoje ali no Santo Antônio, é de domingo, a maior feira que tem lá perto do Novo Osasco. Nós tínhamos manias de comprar panela, copo e tudo em feira porque é mais barato né!? Lembro até hoje que quando minha mãe estava comprando panela e*

copo naquele dia, eu vi esse jarro aí e eu me apaixonei pela jarra. Eu pedi para sua vó comprar "Mãe, compra! Mãe, compra!" Ai sua vó respondeu "Pra quê, menina? Eu vou comprar isso daí e você vai quebrar." e eu respondi " Não vai quebrar não!" E não quebrou, porque quando ficava com ela, em sua casa ela deixava mais de enfeite, nunca usava. Aí quando eu casei, eu levei embora e eu usei várias vezes para servir suco, até que uma vez deu uma trincadinha, aí não tinha mais como servir suco. Resolvi então plantar, por plantinhas aqui, mas foi só em 2020 que eu coloquei uma planta no jarro. Ela foi comprada quando eu tinha 11 anos e hoje eu estou com 52 anos. Essa jarra, esse jarro, também é uma recordação que eu tenho do meu pai. Meu pai, seu avô, também gostou desse jarro. Eu me lembro que quando eu mostrei para ele, ele achou lindo! (risadas) E está aí até hoje! Coitadinha, não pode nem pensar em tirar as plantas dela ali que ela desmonta. (pausa) Lembro que quando era criança achava que era de madeira mesmo, depois que eu vi que não era madeira, porque tem o desenho da madeira. O pessoal de interior gostava muito dessas coisas.

***[EU]:** Que coisas?*

***[MÃE]:** Essas coisas de porcelana. Porcelana? Ah, sei lá, essas coisas assim feitas assim… tinha muito bichinho, copos, canecas, xícaras. E como vim do interior, eu gostava. Me lembrava muito, me arremetia muito ao tempo que vivi em Mato Grosso, da minha vó, coisas que me faziam lembrar. Lembranças boas… porque quando a gente é criança a gente nunca guarda mágoa de ninguém (risada) Essa é história dessa jarra, que eu tenho mó xodó.*

***[EU]:** Ela fica em que lugar da casa, agora que ela deixou de servir suco?*

***[MÃE]:** Agora, para não se quebrar mais, porque tenho medo de que alguém quebre, eu peguei o jarro com as plantinhas e coloquei dentro de um vaso grande onde tem uma árvore. Como chama aquela árvore? Meu deus…ah! A árvore da felicidade, e o jarro fica em baixo escondidinho assim com essas plantinhas dentro dela caindinho do*

lado. Porque aí está sendo protegido pelo próprio vaso grande que tem terra e a árvore, assim não corre o risco de ninguém bater. (Risos)

***[EU]:** Após mostrar meus teste de cerâmica e esmalte (fig. 82 e fig. 83) Você vê alguma semelhança com o Jarro?*

***[MÃE]:** Nossa, vejo muita semelhança, bastante! Acho que você também memorizou algumas coisas disso aí quando era criança e quando via ali no armário. Sem perceber já começou. Acho que tudo que a gente constrói são coisas que vem na cabeça de coisas que você já viu em algum lugar, né!? Aí você vai aprimorando, coisas que você gosta. Parece de madeira para quem vê de longe, né!? (Olhando novamente o jarro)*

***[EU]:** É… tem que ver de longe e fechar um pouquinho os olhos. Os olhos das árvores. Os nós. (Risos)*

***[MÃE]:** É, fecha um pouco os zóios, porque quando a gente é criança a gente imagina tudo, para mim era madeira. (Risos) Eu me lembro até hoje que quando a mãe comprou, eu fui carregar e ia chacoalhando a sacola. Aí, minha mãe dizia: VAI QUEBRAR, MENINA! e eu respondi pau não quebra e ela retrucava que não era de pau.*

> Dentro desta perspectiva, [...] o resgate de memórias como ponto fundamental na vida profissional, quando nos reencontramos com nós mesmos. (LEONEL, 2021, p. 132)

Após essa conversa com a minha mãe, pude perceber o que de fato preenchia minhas xícaras e canecas, preenchendo o vazio e que agora me permite esvaziá-las para nutri-las de tantas outras referências. Meus potes serão preenchidos com os novos anseios e curiosidades para que após saciar-me, possa nutri-los novamente. Descobrir as nossas origens é poder ir e vir com segurança, coragem, saudade e criatividade, pois assim podemos ter certeza de quem nós somos sem ter o medo de nos perder durante as aventuras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao produzir este trabalho de conclusão de curso sobre meu processo de criação em cerâmica, que passou por referenciais teóricas e ancestrais, pude ir modelando dentro de mim os possíveis significados de minha produção, compreendendo o meu percurso criador, o que acabou também sendo uma ferramenta de autoconhecimento. Assim como discorre Cecília Almeida Salles em *Gesto inacabado: processos de criação artística*:

> [...] o percurso criador, ao gerar uma compreensão maior do projeto, leva o artista a um conhecimento de si mesmo. Daí o que o percurso criador ser para ele, também um processo de autoconhecimento. O artista se conhece diante de um espelho construído por ele mesmo. (SALLES, 2004, p. 134)

Tratar a cerâmica como um objeto que possui e instiga estórias foi um encontro comigo mesma quando eu propus encontros com os outros me utilizando desta materialidade como motivo primário e às vezes secundário, para construir pontes, diálogo, afetividade e intimidade, semeando uma relação com o outro. Uma peça cerâmica, seja ela utilitária ou não, contém em si estórias desde o momento em que foram modeladas até o seu uso no dia a dia, sendo uma extensão de nós que permanecerá no mundo mesmo após o falecimento de nossos corpos. Um objeto conta um pouco do percurso de quem o criou e de quem o tem, isso dentro de um contexto e das necessidades daquele momento, como discorreu Lorena D'arc Oliveira: “O pote traz em seu corpo as marcas, os registros e os anseios do homem ao longo de sua história.” (OLIVEIRA, 2011).

Foi de suma importância a trajetória de estudos e escrita deste trabalho para reconhecer as minhas experiências como fonte de conhecimento, autoconhecimento e também massa de inspiração criativa para meus trabalhos artísticos em cerâmica. O referencial teórico contribuiu muito para o amadurecimento pessoal e artístico, me levando a continuar produzindo, agora de forma mais consciente e intencional, estabelecendo diálogo com outros artistas com poéticas semelhantes, permitindo assim a poética transbordar para além das xícaras e canecas.

> A obra de arte carrega as marcas singulares do projeto poético que a direciona, mas também faz parte da grande cadeia que é a arte. Assim, o projeto de cada artista insere-se na frisa do tempo da arte, da ciência e da sociedade, em geral. Ao discutir o projeto poético, vimos como esse ambiente afeta o artista, aqui, estamos observando o artista inserindo-se e afetando esse contexto.

> É o diálogo de uma obra com a tradição, com o presente e com o futuro. A cadeia artística trata da relação entre gerações e nações: uma obra comunicando-se com seus antepassados e futuros descendentes. (SALLES, 2004, p. 42)

Reconhecer o ensino informal, ancestral, minhas raízes, também na construção poética se fez necessário ao longo da escrita, trazendo mais camadas significativas em torno da produção artística.

Tem muita estória no meu pote
Pote esse feito de barro
Feito esse com terra
Terra essa colhida por muitas mãos
Mãos essas que modelarão e escreverão estórias
Lice Bombardi, 14 de julho de 2023

Concluo que a cerâmica pode ser a arte do encontro de estórias, a começar com a minha que deu origem a este trabalho e convido você a compartilhar suas estórias através dessa materialidade, não só modelando o barro, como também convidando alguém para tomar um café da tarde com alguma peça de cerâmica que é especial para você, e assim esse encontro ser um motivo inicial para falar de si, do outro e com o outro. Arte é descobrir e ser descoberto.

> Vamos tomar um gole de chá. O fulgor vespertino ilumina bambus, fontes borbulham com alegria, e o sussurrar dos pinheiros se faz ouvir em nossa chaleira. Vamos sonhar com o efêmero, e demoremo-nos um pouco mais na formosa tolice das coisas. (OKAKURA, 2017, p. 39)

O barro é transformador. Arte do barro é a união do útil e poético na vida cotidiana em um eterno encontro entre matérias, pessoas e arte.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**. Ensaio sobre as imagens da intimidade.São Paulo: Editora Martins Fontes, 1990.

BARDI, P. M. **Arte da cerâmica no Brasil.** São Paulo: Banco Sudameris Brasil, 1980.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas:** as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994

BOMBARDI, Ana Claudia Roger. Ana Claudia Roger Bombardi (Mãe): entrevistada [out. 2023]. Entrevistadora: Alice Bombardi. Gravação no celular. **Entrevista concedida ao TCC de bacharelado em Artes Visuais.**

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati, Vivian Chieregati Costa; introdução de Juliana Fausto; posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEONEL, Priscila. **Museu dos afetos:** uma cerâmica que afeta, cura e conecta à ancestralidade. Orientação: Lalada Dalglish. 2021. 367p. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, 2021. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/216266. Acesso em: 07 fev. 2023

OKAKURA, Kakuro. **O livro do chá.** 4. edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

OLIVEIRA, Lorena D'Arc Menezes de. **A poética do Pote.** 2011. 130p. Dissertação (Mestrado em poéticas visuais) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade do Estado de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-28112011-213654/pt-br.php. Acesso em: 01 ago. 2023

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado**: processos de criação artística. 2. ed. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004.